CENTRO UNIVERSITÁRIO ALVES FARIA – UNIALFA

GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

NATHALIA RODRIGUES OLIVEIRA

O OLHAR PELO AVESSO:

RETRATO DA ASSOCIAÇÃO TIO CLEOBALDO NO ATENDIMENTO A PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

GOIÂNIA

DEZEMBRO DE 2019

CENTRO UNIVERSITÁRIO ALVES FARIA – UNIALFA

GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Nathalia Rodrigues Oliveira

O OLHAR PELO AVESSO:

RETRATO DA ASSOCIAÇÃO TIO CLEOBALDO NO ATENDIMENTO A PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Livro-reportagem apresentado para conclusão do curso de Jornalismo, do Centro Universitário Alves Faria (UniAlfa), sob orientação da Prof.ª Mª. Raphaela Ferro.

GOIÂNIA

DEZEMBRO 2019

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que sempre me guiou da melhor forma possível desde o início do curso. Com amor incondicional, graça e fé, aprendi lições valiosas sobre a vida e o meu propósito enquanto ser humano.

Ao meu pai, Jacson Francisco de Oliveira, que sempre esteve ao meu lado nas horas mais difíceis e felizes da minha vida. Obrigada por ter investido e acreditado no sonho de fazer um curso superior. Obrigada por ter se sacrificado imensamente para fazer com que isso fosse possível. Palavras não são capazes de agradecer por esse sacrifício e gesto tão lindo. Te amo demais e espero algum dia poder lhe proporcionar muito orgulho e felicidade.

À minha mãe, Sônia Oliveira, que também se sacrificou inúmeras vezes para me ver feliz. Obrigada! Obrigada por te me dado o dom da vida e por ter caminhado comigo durante todos esses anos, me ensinando a ser uma mulher melhor e mais madura. Eu te amo.

Ao meu irmão Mathews, desculpa pela minha ausência nesses últimos meses e por toda paciência que você teve comigo. Eu te amo de todo o meu coração e obrigada por acreditar em mim também.

À toda minha família. Vocês são a melhor versão de mim e o melhor que eu tenho. O motivo de estar longe de vocês não foi uma atitude egoísta da minha parte, mas sim uma tentativa de poder realizar um dos meus sonhos de vida. Obrigada por terem me dado essa chance.

À minha tia Kênia Arruda, por sempre me ensinar que dias melhores virão. Por cada momento em que você olhou o horizonte e enxergou saídas onde eu mesma já não via mais e, por desde o início da minha vida ter me ensinando lições valiosas sobre graça, amor e perdão.

Dedico também a todos que algum dia tiveram seus sonhos interrompidos por algum motivo. A vida tem disso mesmo. Alguns dias são difíceis e escuros, mas em outros o sol torna a brilhar novamente e até mais forte. Sobre seguir em frente com a cara e a coragem, foi uma das coisas que eu mais aprendi por meio da escrita. Essa metáfora me possibilitou a voltar a ser quem eu era. Dias melhores virão e iremos voltar a sonhar novamente.

AGRADECIMENTOS

Me formar em Jornalismo é um dos sonhos que sempre tive desde criança. Agradeço a Deus por ter me abençoado com a chance de poder aprender coisas tão incríveis sobre essa área. Sei que nenhum dos Seus planos podem ser frustrados e, a minha graduação é a uma concretização deles.

Aos meus colegas de classe, obrigada por cada momento de amizade, cumplicidade, ajuda e companheirismo. Torço e oro pelo sucesso de cada um.

À minha mãe pelas orações.

Ao meu pai por ter aberto mão de alguns de seus sonhos para realizar os meus.

Aos meus amigos fora da faculdade que foram pacientes e amáveis comigo durante meus dias de solidão, dificuldades e medos. Obrigada!

À minha orientadora e querida professora de redação Raphaela Ferro, por ter me ajudado nesse projeto, pela calma, sabedoria e por sempre ter me instigado a ser uma aluna melhor. Admiro sua inteligência e a paixão que tem também pelo mundo da escrita.

Alex, você é um ser humano incrível. Aprendi muito com você durante esses anos, principalmente sobre simplicidade. Desejo toda sorte de bençãos sobre a sua vida, sua família e carreira enquanto professor e jornalista.

Artur Felício, minha referência de professor, amigo, jornalista e pessoa. Você é incrível e eu oro para que Deus realize cada sonho do seu coração. Aprendi não apenas termos jornalísticos, política ou teorias comunicacionais, mas sim a ser uma pessoa mais dedicada na vida acadêmica. Obrigada por ter me ouvido toda vez que precisei e por cada abraço de conforto e apoio quando alguns dias eram realmente difíceis. Luz e sucesso para você e sua família.

Agradeço do fundo do meu coração às minhas duas amigas de curso e, agora, para o resto da minha vida, Aline Sena e Jailka Costa, por terem sido tão graciosas comigo. Por terem sido o ombro amigo quando precisei, o sol em dias de chuva, e a força em momentos de desespero. Oro para que Deus guarde a vida de vocês e as abençoem de forma grande. Lembrem-se sempre de que dias melhores virão e que somos capazes de realizar o impossível quando temos fé. Não sei o que o futuro nos reserva, mas espero poder encontrar com vocês lá na frente e sorrir de gratidão por tudo aquilo que podemos viver juntas.

Por fim, a todos da Associação Tio Cleobaldo, por terem me tratado como se fosse da família. Ouvi histórias lindas e tristes e, conheci pessoas incríveis que me ensinaram que a vida vai muito mais além disso. Minha maior lição foi aprender que o amor existe e que ele é algo puro e simples. E mesmo que tudo pareça estar perdido, sigo acreditando que o melhor ainda está por vir.

“E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos; e aos que predestinou, a estes também chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou. Quem nos separará do amor de Cristo? a tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?

Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte o dia todo; fomos considerados como ovelhas para o matadouro.

Mas em todas estas coisas somos mais que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, nem futuras, nem potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.”

(Romanos 8:28-39)

RESUMO

OLIVEIRA Nathalia. **O olhar pelo avesso:** retrato da Associação Tio Cleobaldo no tratamento à pessoas em situação de rua. Livro-reportagem, 2019. – Curso de Jornalismo do Centro Universitário Alves Faria – UNIALFA. Goiânia, 2019.

O presente trabalho tem como objetivo compreender até qual ponto a cobertura midiática corresponde a realidade vivenciada por uma associação que atende pessoas em situação de rua. Compreender o funcionamento da associação e, ouvir também as pessoas que foram e que ainda estão sendo ajudadas pela equipe, faz parte dessa rotina. Por meio de entrevistas, observações documentais e participação nas atividades da associação em busca de compreender melhor a vida e rotina de cada voluntário, obtivemos a reposta. Pelo tipo retrato e em forma de livro-reportagem, narramos essas histórias com elementos do jornalismo e literatura. A Teoria Construcionista foi escolhida para reforçar o nosso estudo, cujo conceito é de que o jornalista participa de forma real na construção da notícia ou narrativa, agregando também suas impressões pessoais por meio da sua experiência e observação do ambiente em que está inserido. Foi concluído no final do estudo que a realidade apresentada pela mídia não corresponde a rotina dos voluntários. O que regem suas motivações apesar de todas as dificuldades e pontos negativos trazidos pela imprensa, é o amor ao próximo.

Palavras-chave: Trabalho voluntário. Voluntariado. Livro-reportagem. Associação Tio Cleobaldo. Jornalismo literário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **9**
1. O TRABALHO VOLUNTÁRIO **12**
1.2 A História Do Voluntariado **14**
1.2.1 Motivações Do Voluntariado **17**
1.3 Associação Tio Cleobaldo **18**
2. TEORIAS DO JORNALISMO **20**
3. JORNALISMO E SOCIEDADE **22**
4. LIVRO REPORTAGEM **25**
4.1. Jornalismo Literário **26**
4.2 Classificações possíveis do livro-reportagem **28**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **31**
REFERÊNCIAS **33**

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi dividido em duas partes, sendo a fundamentação teórica e livro-reportagem. Diante de uma realidade econômica e social fragilizada da sociedade e, por meio das histórias de cada pessoa, foi possível retratar um assunto tão importante que é pessoas em situação de rua. Essas pessoas são normalmente esquecidas pelo resto da sociedade, mas não podemos nos esquecer de que são indivíduos que se encontram em uma situação frágil. A negligência e ausência do Estado e políticas públicas para com essas pessoas, também é algo que devemos voltar a nossa atenção, a fim de entender o processo e realidade em que cada indivíduo está inserido.

O presente trabalho tem o objetivo de entender até qual ponto a cobertura midiática corresponde a realidade vivenciada por uma associação que atende pessoas em situação de rua. Entender como uma equipe de voluntários funciona, o que os movem e como poder influenciar de forma positiva a vida de alguém, também foram assuntos retratados ao longo do livro. Os personagens não são anônimos e, todos tiveram algo para compartilhar.

Para chegar a conclusão deste problema, o livro-reportagem foi produzido durante todo o ano de 2019. Além das histórias e relatos narrados no livro, a fundamentação teórica desse projeto baseia-se na exploração do tema, com levantamento de dados e referências teóricas. Em seguida explica-se a teoria utilizada para dar todo o embasamento no estudo e no livro e, entender o processo estabelecido entre mídia e voluntariado é o objetivo principal a ser estudado. Na conclusão encontram-se os resultados obtidos dos estudos realizados e, por último, o livro-reportagem.

A escolha do tema se deu a partir de uma experiência pessoal. Como mostrar a importância do trabalho voluntário na vida de uma pessoa e, como a mídia aborda um assunto tão sensível sem ser de forma banal? Fundamentar essa ideia em forma de livro foi a melhor solução. Conhecer a rotina de um voluntário – seja de uma função simples até a maior, foi um dos pontos de partida desse projeto, até porque todos podem contribuir de alguma forma. Em segundo lugar, como traçar um paralelo entre o tema e jornalismo. Por último, ouvir os relatos de cada pessoa e a partir disso, construir da melhor maneira possível uma narração sem julgamentos, de forma parcial.

Com o objetivo de entender melhor o voluntariado e a sua relação com o jornalismo, esse trabalho possui quatro capítulos e, em cada um deles, foi retratado de forma diferente. A

Associação Tio Cleobaldo pertence à Região Metropolitana de Goiânia (Goiás), localizada no Setor Oeste.

Houaiss[1] (2003) defende a ideia de que, enquanto membro de um Estado possuímos direitos que nos permitem a participar da vida política. Ou seja, a fim de exercer a nossa cidadania, o conjunto de práticas e ações desenvolvidas pelo ato voluntário, nos permitem enquanto cidadãos a colaborar mais com a sociedade. O trabalho voluntário tem feito parte da cultura de muitos países europeus e dos Estados Unidos, e o Brasil também tem apresentado quadros de crescimento do Terceiro Setor, juntamente com as contribuições feitas no voluntariado.

Falar de práticas voluntárias e não relacionar com o Terceiro Setor é quase impossível. A ausência e deficiência do Estado em responder e atender questões filantrópicas, culturais, sociais, meio ambiente etc., fez com que surgisse um conjunto de organizações e iniciativas privadas, cujo objetivo é produzir bens e serviços públicos (FERNANDES, 1994). Sem fins lucrativos, fundações que são instituições, associações ou ONGS, essa atuação visa o bem comum. No Brasil, a partir da década de 1990, o papel do voluntariado ganhou mais espaço. A melhoria nas gestões públicas e as mudanças no mercado de trabalho, juntamente com a redução da atuação da participação do Estado no envolvimento das empresas privadas em ações sociais, foram algumas das razões para esse crescimento do voluntariado (MOTA, 1995).

A vontade de entender o lado do voluntário e do indivíduo que recebe essa ajuda, é o que move este trabalho. São relatos que podem parecer simples, mas essas histórias carregam ensinamentos, lições e emoções valiosas. O livro-reportagem possui técnicas literárias para narrar as histórias com mais riqueza de detalhes, profundidade e veracidade. Além de utilizar outras características fundamentais do jornalismo: saber ouvir, contar essas histórias e informar.

Segundo Rossi (1980, p.77), o principal dever do jornalista "não é para com o seu empregador, mas para com a sociedade." Como agentes mediadores, exercemos uma função na sociedade, ou seja, somos confiados a exercer a função de guia das informações (SODRÉ, 2008). Defendemos nesse trabalho a importância de saber ouvir os dois lados, tanto de quem exerce uma boa ação e o que rege a fazer isso, assim como ouvir quem é ajudado e acolhido por tal voluntário. O jornalismo literário por meio do livro-reportagem possibilita a narração de histórias como essas.

[1] HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 572 p.).

No que diz respeito a base teórica, a teoria escolhida foi a teoria construcionista. Nela, o jornalismo contribui para a construção da realidade. Por exemplo, durante a produção da notícia, o jornalista insere suas percepções de mundo. O jornalismo é visto como histórias, realidades que foram construídas, narrações. Todas as histórias que estão no livro são construções do que cada pessoa compartilhou, até porque entende-se por meio dessa teoria que a realidade não é abordada de forma completa por aquele que busca expor todos os relatos. O livro-reportagem, assim, é cheio de reproduções e relatos por meio da interpretação do jornalista e do que ele vive em seu mundo.

Retratar essa realidade de pessoas em situação de rua, tendo como foco buscar entender a relação da mídia com o voluntariado, é retratar a realidade como ela é. O ponto de vista do homem comum e não só de fontes de fontes oficiais, faz parte do jornalismo tradicional, pois mostra um momento importante da nossa história que estamos vivendo. O trabalho voluntário para pessoas em situação de rua e como isso pode transformar uma vida.

1. O TRABALHO VOLUNTÁRIO

Segundo Marques (2006), o conceito de voluntariado se refere ao indivíduo que exerce o conjunto de ações desenvolvido pelo ato voluntário, sem a espera de nenhum retorno financeiro ou lucrativo, sendo que essa decisão é consciente e livre, a fim de exercer sua cidadania e, essa é a condição de uma pessoa, que, como membro de um Estado, possui direitos que lhe permitem participar da vida política.

Salomon e Anheier (1997) apresentaram algumas características dessas organizações, tais como: voluntárias, cuja participação é voluntária, autônoma, uma vez que sua gestão não é controlada por entidades externas; privadas, por não ter nenhuma relação com o Estado e, por último, são estruturadas. Regras, procedimentos e formas, são uma das formas de organização permanente dessas instituições.

Essas organizações da sociedade civil são criadas a partir da mobilização de pessoas que compreendem essa necessidade da sociedade. Organizações comunitárias, voluntárias e as Organizações Não Governamentais atuam de forma direta. Prestar um serviço à sua comunidade, ao próximo e à sociedade é cumprir o papel de cidadão (DOMENEGHETTI, 2002). Após compreender o que é o trabalho voluntário, sua história e origem, é necessário esclarecer também o papel do Terceiro Setor na sociedade. Paludo (2010, p.39), explica:

> Essas entidades paraestatais, embora possuam personalidade de Direito Privado, não são entidades públicas nem privadas. Não são públicas porque não são pessoas de Direito Público, e não são privadas porque não visam lucro. Elas são um meio termo. Colaboram com o Estado desenvolvendo atividades de interesse público, e por isso contam com a sua proteção e fomento. O terceiro setor é composto por: serviços sociais autônomos, entidades de apoio (fundações privadas, associações, cooperativas), organizações sociais, organizações sociais de interesse público, e Ongs diversas.

O termo Terceiro Setor surge para a utilização na definição de organizações de iniciativa privada, sem nenhum fim lucrativo e que prestam serviços de caráter público visando o bem comum. Para Dohme (2001, p.17), o voluntário é a pessoa que "doa o seu trabalho, suas potencialidades e talentos em uma função que a desafia e gratifica em prol da realização de uma ação de natureza social".

Classificada como Terceiro Setor a fim de contribuir e somar nas ações e administrações públicas do Governo, esse tipo de trabalho teve o objetivo de apresentar um cenário importante no Brasil, e para Hudson (1999), as características que permeiam o Terceiro Setor é o homem tendo o

desejo de ajudar ao próximo sem o retorno de benefícios pessoais e lucros. Em prol de uma sociedade melhor, o trabalho voluntário coloca à disposição tempo e trabalho. No Brasil, o que regulamenta o voluntário está de acordo com a Lei n. 9.608/98.

> [...] a pessoa física que realiza atividade não remunerada junto à entidade pública de qualquer natureza ou à instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL, 1988).

De acordo com dados do IBGE[2], nos anos de 2002 a 2005, houve um acréscimo de 22,6% no número de associações e fundamentações sem fins lucrativos. O número soma em mais de 338,2 mil instituições. Dados mais recentes das Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos (FASFIL)[3] foram divulgados em 2012. Em 2010, havia 290,7 mil fundações em nosso país.

A natureza jurídica de todas as organizações do Terceiro Setor está abordada nos incisos I, III, IV e V do art. 44 do Código Civil, Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Pessoas jurídicas de direito privado se relacionam a esse setor, como:

> Art. 44. São pessoas jurídicas de direito privado: I – as associações;
> II – as sociedades;
> III – as fundações;
> IV – as organizações religiosas; (Incluído pela Lei nº 10.825, de 22-12-2003)
> V – os partidos políticos; (Incluído pela Lei nº 10.825, de 22-12- 2003)
> VI – as empresas individuais de responsabilidade limitada. (Incluindo a Lei nº 12.441, de 2011)

A partir disso, as associações são organizações de pessoas físicas, que se reúnem para prestar serviços e atividades sem fins lucrativos.

> Art. 53. Constituem-se as associações pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos. Parágrafo único. Não há, entre os associados, direitos e obrigações recíprocas (CÓDIGO CIVIL).

O voluntariado por meio da prestação de serviços contém com participação voluntária, cujo objetivo é a auxiliação para o desenvolvimento social, por isso a sua relevância. Para Cardoso (1997, p.8), "isso enriquece e complexifica a dinâmica social, pois é a presença de uma esfera pública não estatal e de empresas privadas com sentido público". O trabalho voluntário é regido

---

[2] IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas Gerência do Cadastro Central de Empresas. As Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil, 2005.

[3] FASFIL. Número e dados das fundações e associações privadas sem fins lucrativos. Disponível em: <https://abong.org.br/pesquisas/numeros-e-dados-das-fundacoes-e-associacoes-privadas-sem-fins-lucrativos-no-brasil-pesquisa-fasfil-2010-lancada-em-dezembro-de-2012/> Acesso em: 23 de Set. 2019.

pela Lei do Voluntariado (Lei nº 9.608/98), como fora dito anteriormente. Isso não gera vínculo empregatício e nem obrigações trabalhistas ou previdenciárias

1.2 A História Do Voluntariado

Antigas civilizações apresentavam um código moral a justiça social, e essas leis motivavam as pessoas ao trabalho voluntário, ainda de acordo com Veyne (1990). A divisão de funções dentro da sociedade, como explica Veyne (1990), servia para suprir a necessidade do Estado em fazer as pessoas mais felizes.

> Os cidadãos notáveis, os bem nascidos, também devem alimentar sua cidade. Espera-se deles que gastem largas somas para manter o sentimento de contínua alegria e prestígio dos cidadãos. O fato de aliviar alguma aflição dos cidadãos pobres, era visto como acidental, pois o importante consistia em, de alguma forma, beneficiar o corpo cívico no conjunto (VEYNE, 1990, p. 251).

A Igreja Católica, no final do século XVI, tendo como Vicente de Paulo um dos principais protagonistas, funda, em agosto de 1617, as Damas da Caridade. Os membros eram mulheres pertencentes às classes aristocráticas, que ajudavam pessoas carentes em hospitais, pobres em suas casas, levando todo tipo de ajuda e apoio e, de acordo com o autor Kisnerman (1983), esse segmento ganhou maior significado.

> A ação de Vicente de Paulo se concretizou também na criação de instituições para crianças abandonadas, albergues para famílias sem lar, escolas de artes e ofícios, e em proporcionar assistência material e espiritual em hospitais e presídios, procurando em todos os casos educar as pessoas para que melhorassem suas condições de vida. Preocupado com as condições de trabalho das crianças e dos galés, cuja situação denunciou, conseguiu, na França, as primeiras leis em benefícios de ambos (KISNERMAN, 1983, p. 5).

A igreja exerceu um papel importante nas ações voluntárias. De acordo com Wuthnow (1991), a religião tem sido uma peça importante para entender melhor as mudanças e o desenvolvimento histórico desse setor social. “Desde os tempos remotos era o grupo familiar que cuidava dos membros pequenos, enfermos, deficientes, velhos, viúvos e órfãos”. (HUDSON, 1999, p. 1).

As mudanças sociais, políticas e econômicas que aconteciam na Europa do século XVI, que, posteriormente, viriam a acontecer, na América do Norte, América Central e América do Sul. Os centros urbanos foram crescendo em larga escala, exigindo novas formas de auxílio e prestação de serviços para a população. Kisnerman (1983), a partir de seus estudos, relata que pastores

protestantes foram um dos primeiros grupos de pessoas a apresentarem a importância de ajudar as pessoas mais pobres. Na Inglaterra do século XIX, surgia a primeira organização civil que posteriormente influenciaria outras atividades voluntárias nos Estados Unidos, uma delas chamada Organização de Caridade da Sociedade *(Charity Organization Society)*.

Enquanto Inglaterra e Estados Unidos exerciam de forma mais ativa a assistência aos indigentes, na América Latina, é "o Estado intervencionista, com a colaboração de instituições religiosas católicas, que passaria a sustentá-las por meio das chamadas instituições de bem-estar social". (KISNERNAM, 1983, p.10). Os Estados Unidos tinham em grande parte as organizações privadas, enquanto, na Europa, o Estado provia as legislações necessárias para a organização delas.

Nas colônias espanholas, Pilotti e Rizzini (1995) destacam os decretos reais emitido pelo rei Carlos V, ordenando a criação de hospitais, mostrando assim mais uma vez a intervenção e ligação do Estado com a Igreja. Pobres e enfermos eram atendidos nos hospitais de caridade, assim como órfãos, idosos, pessoas com deficiência mental etc.

> Cabe assinalar que a maioria das congregações religiosas que se estabeleceu na América Latina era formada por missioneiros e missioneiras de origem europeia que, além de seu desconhecimento inicial dos costumes locais, tinham a tradição da assistência à chamada infância desvalida, caracterizada pelos seguintes traços: o internamento em instituições denominadas asilos, utilizados como principal ferramenta de intervenção; a miséria associada a formas de vida de 813 perigo moral, logo perigosa para a formação de crianças; a atenção dirigida preferencialmente para menores de 12 anos, inspirada em uma proposta pedagógica orientada para a formação para o trabalho de baixa qualificação (PILOTTI; RIZZINI, 1995, p. 36).

O voluntariado no Brasil nos séculos XVI e XVII um caráter religioso, mas com limitações do Estado, principalmente com ligações à Igreja Católica. Do Brasil Colônia para o Império, os voluntários se dedicavam à assistência de crianças nas casas de recolhimento.

> O futuro dessas crianças após 7 anos dependia, em grande parte, das famílias que as criavam. Os meninos podiam ser encaminhados a aprendizes de algum ofício, caixeiros de lojas, seminários. As meninas realizavam tarefas domésticas em troca de sustento ou eram encaminhadas à Casa de Recolhimento (LEITE, 1991, p. 181).

Os contextos do trabalho voluntário no Brasil eram exercidos nos mais diversos aspectos, mas de início mantinham relações com questões políticas sem a preocupação da necessidade que a sociedade tinha. Com o passar dos anos, a assistência social foi mudando seu caráter. De acordo com Kisnerman (1983), foi só a partir do século XX que a assistência social se torna mais qualificada. Dentro desse contexto, alguns autores trazem a definição de Organização Não Governamental e associações.

Segundo Landim (1993) e Gohn (2000), a expressão ONG foi criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), na década de 1940, a fim de caracterizar entidades que recebiam ajuda financeira de órgãos públicos para executar projetos, oferecer trabalhos e melhorar o desenvolvimento da sociedade. Na América Latina, especialmente no Brasil, as ONGs nascem nos anos de 1980, segundo Gohn (2000).

O número de ONGs e associações sociais no Brasil teve um crescimento significativo. Após o fim do regime militar em especial e, com a redemocratização do país, sindicatos e movimentos sociais passam a surgir no Brasil. A Constituição de 1988 foi estabelecida com grande mobilização social. Mas, o papel do voluntariado nos anos 1990 teve um diferencial no aspecto social no Brasil. Houve, então, as novas atribuições, funções e habilidade em que se destacava a autonomia profissional.

Na década de 1990, houve decisivos e importantes fatos para o processo de consolidação das ações voluntárias. Para Peliano (2001), a década de 90 foi marcada pela abertura econômica, o maior envolvimento de ONGs, a busca pela melhoria nas gestões públicas e as mudanças no mercado de trabalho e a redução da atuação da participação do Estado no envolvimento das empresas privadas em ações sociais.

Em Goiás, a Organização das Voluntárias de Goiás (OVG) surgiu em 1947 a partir da iniciativa de grupos religiosos da Igreja Católica. A primeira dama do estado Ambrosina Coimbra Bueno, administrava a instituição porque em Goiânia ainda havia a Arquidiocese. Posteriormente, Dom Fernando Gomes dos Santos, arcebispo de Goiânia, determinou que Dom Antônio Ribeiro de Oliveira fosse o novo responsável por essas organizações.

A Organização das Voluntárias de Goiânia, com sede em Brasília, prestavam serviços de caráter voluntário, voltadas ao atendimento de pessoas com baixa renda salarial. Dona Gercina Borges Teixeira, esposa de Pedro Ludovico Teixeira, foi a primeira pessoa a ingressar no trabalho social em Goiás. Além disso, o Centro Goiano de Voluntários (CGV) foi criado em 2001 para capacitar e encaminhar pessoas interessadas no trabalho voluntário. Em parceria com a Organização das Voluntárias de Goiás (OVG), o Centro promove vagas e cadastros para quem deseja se capacitar.

1.2.1 Motivações Do Voluntariado

Tópicos como a evolução para uma sociedade melhor, acolhimento de causas que são nobres e precisam ser abordadas, foram apoiados nos projetos feitos pelo Terceiro Setor, que mais tarde veio a se fortalecer a partir do século XXI, juntamente com a participação da Organização das Nações Unidas (ONU). Para entender melhor de fato o tema apresentado, é necessário compreender a função do trabalho voluntário, seu lugar e encaixe na sociedade, e as motivações que regem o voluntariado.

A característica altruísta é reforçada por Bussel e Forbes (2002), segundo as quais evidências do altruísmo estão presentes nos mais diversos tipos de trabalhos voluntários. Citando também a pesquisa de Unger (1991), é possível identificar que os voluntários se sentem motivados a dedicarem tempo ao próximo como resultado da consequência de suas próprias percepções na comunidade, ou seja, apresentar algum tipo de ajuda na solução de problemas. Outros autores, como Batson (2002) sugere que as motivações se enquadram em quatro categorias: altruísmo, egoísmo, principialismo e coletivismo.

Cnaan e Goldberg (1991) concluíram que as motivações são sociais e pessoais, além do altruísmo. Ainda para Steers e Porter (1991) existe uma teoria cognitiva de motivação, em que as pessoas buscam o trabalho porque acreditam que ele irá permitir o alcance de uma determinada necessidade pessoal. McCurley e Lynch (1998) classificaram os motivos que regem o voluntariado em três categorias: altruísta, motivações próprias e familiar. Ajudar ao próximo é um dever civil. Ser um exemplo familiar ou se sentir útil e importante na sociedade são conceitos que os autores defendem.

O trabalho voluntário tem feito parte da cultura de muitos países europeus e dos Estados Unidos. O Brasil tem apresentado mudanças no quadro de crescimento do Terceiro Setor juntamente com as contribuições feitas no voluntariado. Segundo dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), o Brasil possui mais de 820 mil organizações da sociedade civil, desde a última pesquisa feita em 2017. As associações civis que não possuem fins lucrativos contabilizam 12% e o restante são organizações religiosas e fundações privadas.

1.3 Associação Tio Cleobaldo

Nesse contexto de análise, em que as associações e ONGs cumprem um papel importante na sociedade por meio do Terceiro Setor, e com o objetivo de prestar assistência em diferentes contextos históricos e socioculturais, a Associação Tio Cleobaldo presta serviços de assistência social para pessoas em situação de rua, na região metropolitana de Goiânia, por meio do voluntariado. O principal objetivo da equipe de voluntários é atender todas as necessidades daqueles que se encontram temporariamente em situação de fragilidade e vulnerabilidade social.

A assistência e atenção, tanto por parte de órgãos públicos, grupos voluntários, entidades ou profissionais que atuam com essa parte da população, é importante a essas pessoas. Cleobaldo Martins de Oliveira fundou a associação há dez anos e hoje conta com cerca de 100 voluntários. A sua relação com a filantropia começou nos anos 1970, quando sua mãe iniciou um tratamento oncológico no Hospital Araújo Jorge, em Goiânia. Em 2009 nasceu oficialmente a Associação Tio Cleobaldo e, é considerada uma organização não governamental de caráter filantrópico, cujo objetivo é prestar assistência e atendimentos pessoais a pessoas em situação de rua. A associação está localizada no Setor Oeste, na Rua 270, n° 282, qd. 54.

Diante da necessidade que Cleobaldo viu nos hospitais durante os horários de visita e acompanhamento das famílias aos seus entes queridos que faziam o tratamento no hospital, nasceu a ideia de começar a distribuir mingau nos corredores do local. O grupo dos voluntariados não levam apenas refeições, mas prestam vários tipos de assistência que o indivíduo precisa, como, por exemplo, doação de roupas e sapatos, acolhimento em casas de reabilitação, organização de documentos pessoais, entrar em contato com a família etc.

A associação distribui mensalmente mais de 4 mil refeições, às quartas e domingos. Por meio de doações feitas pelo próprio grupo de seus voluntariados, a associação conta com a ajuda de restaurantes, empresários e alguns políticos. Além de adultos, cerca de 200 crianças carentes estão sob a supervisão de Cleobaldo. As divulgações e pedidos de ajuda são feitas pela internet, por meio das páginas sociais da própria associação e por meio de cada voluntário.

Araújo e Oliveira (2010) afirmam que sob a perspectiva sociocultural, o ser humano é dinâmico, complexo e está sempre buscando por sobrevivência, encaixe social e experiências de vida. As pessoas em situação de rua são indivíduos de um determinado grupo na sociedade, que possuem vínculos pessoais, valores, histórias, práticas em comum, e regras estabelecidas por suas

próprias comunidades (ROGOFF, 2005). A assistência dada a essa população por parte da equipe de voluntários da associação em estudo, promove também a integração e restauração de vínculos sociais de cada indivíduo.

2. TEORIAS DO JORNALISMO

Compreender como a realidade é resultante de uma ação social e, como consequência, como o receptor interage com esse acontecimento jornalístico por meio da construção dessa realidade é o objetivo da teoria construcionista. Para Sousa (2002), a notícia (produto final), é uma interação entre jornalistas, fontes e a sociedade.

> Para os académicos que perfilham essa explicação [construcionista], as notícias são histórias que resultam de um processo de construção, lingüística, organizacional, social, cultural, pelo que não podem ser vistas como o espelho da realidade, antes são artefactos discursivos não ficcionais -indiciáticos- que fazem parte da realidade e ajudam-na a construir e reconstruir. Assim, o conceito de distorção é visto como inadequado e as atitudes políticas dos jornalistas - observados como relativamente autónomos, (...) - não são entendidas como um factor determinante no processo jornalístico de produção de informação (SOUSA, 2002, p. 5).

Wolf (2001) afirma também que as notícias e o modo que são produzidas, não são subjetivas. Ou seja, a linha editorial, exigências de estrutura da empresa, entre outros fatores, determinam na produção e o valor dados à notícia. A partir disso, cabe ao jornalista por meio da seleção da pauta e a coleta das informações para a produção do material, desenvolver um ““um processo complexo que se desenrola ao longo de todo o ciclo de trabalho, realizado em instâncias diferentes – desde as fontes até o simples redator – e com motivações que não são todas imediatamente imputáveis à necessidade direta de escolher as notícias e as transmitir” (WOLF, 2001, p.243).

A teoria citada foi escolhida para a elaboração do livro-reportagem por apresentar o conceito de que as notícias e o jornalismo são como uma construção verdadeira da realidade. O livro-reportagem possibilita narrar as histórias com profundidade, por meio da redação jornalística e histórias. “A narração é a forma artesanal de comunicação. Ela não visa transmitir o em si do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa” (BOSI, 1994, p.88).

Sousa (2002) e Traquina (2005) afirmam que essa é a teoria mais completa para compreender o fazer jornalístico. No fim dos anos 1960 e início da década de 1970, ela passa a ser mais discutida. A realidade vivenciada pelo jornalista não é refletida em seu produto jornalístico, mas sim o jornalismo em si seria o responsável para a sua construção. O jornalismo segundo Alsina (1989, p.18) é “a representação social, e a notícia, como uma representação social da realidade

cotidiana que se manifesta na construção de um mundo possível". Não é a realidade em si, mas sim sua representação.

A teoria construcionista se diferencia de outras teorias por considerar cada indivíduo como um "ator", ou seja, todas os elementos dentro dessa narração, exercem funções essenciais. Jornalistas, cultura, empresas, linha editorial, tempo, recursos técnicos para a elaboração de pauta, entre outros, influenciam o produto final. Dessa forma, Schudson (1988) explica que o trabalho final é o resultado de "pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos" (SCHUDSON apud TRAQUINA, 2005, pp. 170-171).

Todos os grupos e organizações da nossa sociedade dependem da comunicação, para que assim seja possível a compreensão dos acontecimentos e fatos. Toda a rotina e experiência do jornalista, como já mencionado anteriormente, influenciará na sua produção. Schudson (1988) afirma que esse resultado traz mais do que simples informações. Por meio do livro-reportagem, muitos conceitos ilustram essa realidade do voluntariado. Novos personagens, leitores, pesquisas, coleta de dados e informações, possibilitaram a elaboração desse resultado por meio do jornalismo.

A aplicação dessa teoria possibilita a compreensão de assuntos que antes poderiam ou ainda podem ser considerados paradigmas. A percepção por parte do jornalista quanto a construção social da realidade aplicada ao jornalismo, permite a elaboração de pautas que nos levam a refletir sobre essa comunidade de pessoas que se encontra em situação de rua e, também a compreender a rotina que envolve o voluntário. O conhecimento gerado nesse processo e a relação com os veículos midiáticos nos permitem a elaborar um senso mais crítico de opinião.

3. JORNALISMO E SOCIEDADE

O principal dever do jornalista, segundo Rossi (1980, p.77) “não é para com seu empregador, mas para com a sociedade. É para ela e não para o patrão que o jornalista escreve”. As dificuldades que surgem ao longo do caminho não devem impedir os jornalistas de cumprirem sua missão. Como agente mediador, exercemos a função na sociedade contemporânea, ou seja, somos confiados a exercer a função de guia das informações (SODRÉ, 2008).

O jornalismo também exerce a função de relatar acontecimentos, orientando sobre os diversos tipos de conhecimento. Tratando os mais variados temas, como, por exemplo, mudanças econômicas, políticas e assuntos da atualidade etc., tendo características principais, como Lima (2004) ressalta, a atualidade, periodicidade, universalidade e difusão coletiva

Por meio de todos os veículos de comunicação, o jornalista influencia na tomada de decisões dos seus receptores, por isso é necessária a aptidão às técnicas, ética e o diploma. Não são reproduzidos apenas os seus conhecimentos, mas os de outras instituições sociais. Park (1970) definiu o jornalismo como forma de conhecimento da realidade, ao qual ajuda a entender melhor todas as abordagens necessárias para a construção do conhecimento.

O direito à informação no Brasil está previsto na Constituição desde 1988 e em 2012 como um fortalecedor de ideia, foi criada a Lei de Acesso à Informação. Ela visa a regulamentação da informação pública, em que cada pessoa tenha acesso à dados divulgados por órgãos do Estado. Para o jornalista a informação é a sua matéria prima. Por ser uma profissão, o jornalismo tem o objetivo de dar informações, assim como formar opinião pública (FENAJ, 2008).

O jornalismo é mais do que uma profissão. Ele exerce funções sociais com responsabilidade, compromisso com o público e a veracidade das informações. Traquina (2012) explica que o jornalismo está ligado com a democracia, ou seja, a liberdade do jornalista em cumprir o seu papel social representa essa liberdade da comunicação. A fim levar informação à população de modo geral, cabe ao jornalista executar essa ação.

O desenvolvimento da imprensa propiciou a evolução do jornalismo, em que grandes jornais sofreram mudanças e transformações no processo de desenvolvimento das notícias. No século XIX, a indústria jornalística já possuía um caráter mais comercial e, para continuar gerando rendas e lucros, inicia-se o processo de vendas dos anúncios e comerciais por meio da publicidade, com isso a circulação dos jornais cresceu de forma bastante significativa.

Thompson (1995) afirma que o fluxo das notícias aumentou, e com isso foram necessárias mais apuração e atividades para a produção das notícias.

> Em 1977, a Reuters forneceu serviços de notícias para 150 países e a AFP forneceu serviços para 129; a AP e a UPI supriram serviços para 108 e 92 países, respectivamente. Em contraste com a relativamente grande dispersão dos países clientes, a localização dos escritórios de coleta de notícias do exterior tendem a se concentrar nas regiões mais desenvolvidas do mundo (VIZEU, p.42 apud THOMPSON, 1995, p.241).

O jornalismo no meio de todo o seu processo de evolução e até no contexto da Revolução Industrial surge como uma necessidade emergente na modernidade. A comunicação de massa gerada pelas transformações tecnológicas e provenientes da Indústria Cultural, a liberdade de imprensa que veio pela Revolução Burguesa, deu aos veículos de comunicação, segundo Marques de Melo (1985), uma ideia coletiva de acesso à informação.

Diante da necessidade de informar e orientar, o jornalismo desenvolveu métodos e maneiras ao longo do tempo, como forma de comunicação, a reprodução dos fatos sociais, e por isso, alguns temas exigem mais amplitude, profundidade nos detalhes, tempo de produção e investigação (LIMA, 2004). O conteúdo jornalístico produzido então, possui o objetivo de levar o público a um senso mais crítico de opinião a fim de que ele tenha conhecimento das coisas que precisa para se autogovernar em nossa sociedade (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004).

Isso exige do jornalista a "habilidade para olhar as coisas sob múltiplos pontos de vista e habilidade para chegar o fundo das coisas questões analisadas" (KOVACH; ROSENSTIEL, p. 41, 2004). Por meio da democracia e o acesso às informações, cada indivíduo pode desenvolver seu potencial máximo dentro da sociedade, ou seja, a comunicação permite o crescimento natural e a interação humana.

Estudos, pesquisas e levantamento de dados sobre pessoas que estão em situação de rua são abordados pela mídia. Essa comunidade específica é retratada pela mídia, mas é necessário chamar a atenção acerca do tratamento coletivo, individual e institucional que se concede a essas pessoas. Para Moscovici (2003), somos pensadores ativos que "produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que colocam a si mesmos" (MOSCOVICI, apud SÁ, 1995, p. 28).

Dentro de uma sociedade e não apenas receptores de informações, ou seja, essas representações sociais são feitas por cada indivíduo a partir das influências diárias de tudo aquilo que acontece ao seu redor. Entende-se que a representação social é:

> [...] uma "preparação para a ação", não somente porque guia o comportamento, mas, sobretudo porque remodela e reconstitui os elementos do meio no qual o comportamento se manifesta. Atribuindo um sentido ao comportamento, consegue integrá-lo numa rede de reações (...). Fornecendo, ao mesmo tempo, as noções, as teorias e as observações que tornam essas relações estáveis e eficazes. (MOSCOVIC, 1984 apud GIORGETTI, 2006, p. 59).

Moscovic também defende que por meio da linguagem e as interações coletivas, os comportamentos são estabelecidos, podendo transformar algumas estruturas sociais ou não. Ideias, conceitos, valores, cultura e ideologia são práticas que nos definem e, a comunicação entre pessoas em uma sociedade só pode acontecer por meio disso (MOSCOVIC, 2003). Porém, essa construção sobre determinado grupo pode ser discriminatória ou estigmatizada.

Segundo Champagne (1997), a imagem da pessoa que se encontra em situação de rua em grande parte está ligada a alguém que não é capaz de se manter em um convívio social, de alguém que não possui conhecimento sobre seus direitos enquanto cidadão. Essa questão social, quando se torna notícia, foge do controle dos veículos comunicacionais, uma vez que o jornalista possui grande capacidade de narrar suas histórias.

Ainda para o autor Champagne (1997), as pessoas excluídas não são capazes de controlar ou mensurar suas representações, pois são consideradas pessoas sem cultura, estudos ou sem a capacidade de se expressar. O jornalismo contribui nessa criação de opinião e realidade. Reforça-se o estereótipo que essas pessoas possuem ou contribui-se para a resolução desses acontecimentos.

Trazer visibilidade e alcance a essas falhas de Estado é fazer com que a população exerça seus direitos. Qualquer veículo comunicacional tem a função de:

> Um jornal serve como serviço público, que é a definição mais básica de imprensa como instituição. Um jornal serve para reagir, para admitir e apontar erros, para estabelecer as linhas de diálogo com as representações organizadas de uma cidade. Serve também para o indivíduo que não adquiriu voz partidária, sindical ou até mesmo de classe a tal sua exclusão no convívio social. [...] um jornal serve para servir! (BOSCO; JÚNIOR; BRAGA, 1999 [s.p]).

Não é retratar somente pessoas que se encontram nas ruas, mas sim fazer com que o direito à informação cumpra o seu papel social. Informações que são relevantes e necessárias para a elaboração de um senso mais crítico de opinião e um olhar mais humanizado quanto aos mais variados problemas da nossa sociedade. Gentilli (2005, p.23) afirma que "a necessidade social da informação produz a necessidade do jornalismo".

4. LIVRO REPORTAGEM

Fugindo do habitual e de olhares superficiais que a notícia e a publicidade trazem, visando a grande circulação e com isso maiores coberturas e respostas econômicas, o livro-reportagem vai além. A leitura que ele oferece é mais detalhada, ampliada e não tão convencional quanto a imprensa costuma fazer. Lima (2004) afirma que:

> [...] em síntese, é para isto que serve basicamente o livro-reportagem: para estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias de explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na imprensa convencional. Mais ainda, o livro-reportagem transcende as concepções norteadoras do jornalismo atual (LIMA, 2004, p.16).

Edvaldo Pereira Lima (1995) conceitua o livro-reportagem como publicação jornalística e, afirma também que ele é o resultado da união entre jornalismo e literatura.

> Veículo de comunicação jornalística não-periódica, o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo, bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas, emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1995, p.7)

Existem três características que distinguem o livro-reportagem dos demais e, de acordo com Lima (2004), elas são: conteúdo verossímil, ou seja, a realidade dos fatos e a veracidade deles; tratamento cuja linguagem, edição e estrutura jornalística auxiliam na construção do livro e, por último, a sua função. Os princípios básicos do jornalismo constituem o livro-reportagem, orientação, informação e explicação.

Ampliar a informação e contribuir à interpretação do leitor, fazendo com que ele não fique limitado a fatos isolados, é o objetivo do livro-reportagem. A atualidade sempre é tratada, por isso a verossimilhança e a veracidade se apresentam como uma das principais características do livro-reportagem. A comunicação é alcançada por meio da linguagem não verbal também, como, por exemplo, fotos, mapas, tabelas e diagramas, que são aspectos do livro. (LIMA, 2004).

Como um subsistema do jornalismo literário, o autor faz a seguinte conclusão sobre o livro-reportagem: “O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (LIMA, p. 26, 2004).

O jornalismo por si só possui algumas características natas da literatura e precisa de condições de narração para enriquecer mais ainda a história que está sendo narrada. Transformar um fato em história no futuro é saber que o jornalismo, os seus gêneros e subsistemas estão em constante processo de mudanças.

> É necessário dar ao homem, por meio do livro-reportagem, a exata noção de que ele pode ser melhor do que julga ser, de que o mundo pode sair do estado de dormência em que se encontra para ganhar um estado de prontidão mental digno de uma espécie evoluída. A nobre missão de contribuir para esse grande despertar poderá também ser função do livro-reportagem, como alguns jornalistas de diferentes quadrantes do mundo têm parcialmente descoberto. E o mais gostoso de tudo é ver que a jornada está apenas começando. (LIMA, 2004, p.64-65).

A narração mais atrativa combinada a elementos da literatura possibilita a compreensão de que um texto jornalístico por meio da reportagem, precisa não somente expor os seus fatos de forma aprofundada, mas sim é necessário relatar e mostrar histórias com contextos, sensibilidade e emoção – histórias baseadas na realidade de cada indivíduo apresentado ao longo do texto (LIMA, 2004).

Dentro da sua importância já relatada, como o livro-reportagem pode então transformar um fato em história? Ir além daquela estrutura original de *lead*, trazer todas as características jornalístico literárias, apresentando estilos e ideias novas, são elementos que podem fazer com que o livro-reportagem seja um diferencial. Edvaldo Pereira Lima (2004) dá essa orientação de como o livro se adequa aos seus objetivos à temática da notícia.

4.1. Jornalismo Literário

O autor Felipe Pena (2006) afirma que o jornalismo literário é a potencialização de todos os recursos do jornalismo, ultrapassando os acontecimentos corriqueiros, proporcionando visões mais críticas da realidade, exercer a cidadania, evitar as fontes definidoras primárias, e por último, a garantia da profundidade dos dados e relatos. Ele também afirma que

> Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editors, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como New Journalism, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística (PENA, 2004. P.21)

Lima (2004) também usa a estrela de sete pontas para explicar o jornalismo literário, sendo que as pontas são as setes características principais do gênero. Utilizar aquilo que se aprendeu ao longo do caminho, desenvolver mais técnicas e estar aberto ao novo, é potencializar os recursos do jornalismo, e essa é a primeira ponta.

Romper com a periodicidade e a atualidade é a segunda ponta da estrela, ou seja, o jornalista precisa romper com seus limites e fazer algo de qualidade dentro de seu prazo limite, o que nos leva para a terceira ponta: fazer tudo isso com uma visão mais ampla e larga da realidade ao seu redor. Apresentar um fato ou uma ideia e saber contextualizar com a realidade, desenvolver um senso mais crítico de opinião e saber usá-la de uma forma sábia e coerente é uma das funções do jornalismo (PENA, 2006).

O quarto lado é a cidadania, como Pena (2006) afirma. De qual forma o jornalista pode contribuir com sua notícia ou reportagem, por meio do seu tema? De qual forma pode-se levantar assuntos de interesse público ou acrescentar de forma positiva, um compromisso à sociedade? A quinta característica rompe com a ideia original do *lead.* Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê?

O autor deve construir o livro-reportagem levando em conta as várias faces da realidade, para que ele desperte o interesse em diferentes gerações e influencie o imaginário dos leitores. “Ao longo do tempo, o jornalismo literário atraiu uma série de talentos que ousaram ultrapassar os limites da redação.” (PENA 2006, p.17).

No Brasil, por exemplo, esse conceito é classificado de várias formas. Tendo origem nos anos 1966 com a criação da revista Realidade pela Editora Abril, de São Paulo, a revista dava início à uma nova cara do jornalismo brasileiro. Moraes (2007) relata que a revista tinha seu próprio estilo de escrita, abordando assuntos que antigamente eram considerados tabus, e o novo modelo de reportagem era algo inovador. Não apenas a revista que estava ainda em circulação, mas outros canais midiáticos, como livros e artigos, davam à população que estava ainda sob o regime militar, uma nova realidade e compreensão dos fatos e da sociedade da época.

Como jornalistas, por meio de todas as experiências e histórias que se ouvem ao durante a elaboração do livro-reportagem, podemos despertar no público percepções que tivemos ao construir toda a narrativa observando e colhendo dados através do Jornalismo Literário. “Não é só a notícia. É o pacote em que ela é apresentada. Não é só descrever a gravata. É torná-la parte do contexto da história... é encher de prazer a leitura” (SANTOS, 2005, p. 242).

4.2 Classificações possíveis do livro-reportagem

O processo de produção do livro-reportagem parte do princípio de valor-notícia, aspecto apresentado por Traquina (2005), onde a empresa jornalística e os seus valores editoriais regem à linha de produção. Valor notícia, apuramento de fatos, entrevistas, levantamento de dados e informações, são entendidos também como processo de produção do livro. As possíveis classificações então do livro-reportagem podem ser relacionadas quanto ao processo de produção (elaboração da reportagem e notícia), à temporalidade e de acordo com Lima (2004), quanto ao tipo de objetivo que o livro procura alcançar e a natureza do tema.

Uma das formas de compor o livro é a utilização do retrato. A escolha das fontes estará relacionada à forma de elaboração, produção e coleta de informações para o livro-reportagem. Conforme o autor, o livro-reportagem-retrato procura mostrar o seu interesse por meio da prestação de algum tipo de serviço educativo ou explicativo. Ao contrário do tipo perfil, o personagem aqui não é uma figura humana, mas sim uma região geográfica ou algum setor da sociedade, e até mesmo segmentos de alguma atividade. (LIMA, 2004).

Por meio do tipo retrato, a Associação Tio Cleobaldo e a toda equipe, que atualmente se encontram na casa de apoio localizada na rua R-14, Setor Oeste, será evidenciada seu mecanismo de funcionamento, a história do voluntariado a partir de Cleobaldo, as dificuldades, relatos pessoais, as motivações que regem um voluntário e, de qual forma essa realidade do voluntário corresponde às coberturas feitas pela mídia. O jornalismo literário por meio do livro-reportagem proporciona a chance de "ajudar-nos a abrir os olhos e enxergarmos, de fato." (LIMA, 2004, p.24).

Diante a elaboração do produto final, o livro-reportagem "O olhar pelo avesso", ficou claro a importância dessa relação entre jornalismo e literatura. Para Silva (2002), a falta de aproximação do jornalismo e o gênero literário, resultam no problema que o jornalismo contemporâneo tem sofrido:

> O grande problema do jornalismo contemporâneo vem do seu ideal de expressão (conteúdo) máxima, com expressividade (forma) mínima. Em outras palavras, o jornalismo quer dizer muito com pouca literatura. Houve uma fase em que a ruptura com o modelo literário se impunha e significou uma libertação para o texto jornalístico. Hoje o fosso existente determina, cada vez mais, um desconhecimento pelo jornalista, da textura literária das palavras. A ambigüidade esconde-se, travessa, na superfície dos textos que dizem aos seus autores o que eles não podem interpretar (SILVA, 2002, p.51).

Diante disso, as reportagens precisam relatar com profundidade e veracidade o assunto em questão. O livro-reportagem consegue, sem receios, aproveitar de todos os elementos da literatura para a narração de uma história. “O olhar pelo avesso” é um livro-reportagem que contém histórias e relatos sobre a Associação Tio Cleobaldo. A apuração das entrevistas dos voluntários, levantamento de dados, pesquisas, visitas em algumas instituições que prestam o voluntariado para pessoas em situação de rua e a vivência na rotina da associação aos finais de semana, possibilitou a narração em quatro capítulos.

Os capítulos da obra se dividem em: a história da associação e como tudo começou, em segundo lugar a rotina dos voluntários que trabalham diretamente com Tio Cleobaldo. Suas origens, motivações e experiências, não se limitam apenas a descrição dos acometimentos. Por meio de cada personagem na história, a atuação e papel do jornalismo ficou clara e estabelecida. O relato pessoal do jornalista nessa trajetória, possibilitou a narração dos fatos com um caráter investigativo, uma vez que o tipo retrato, nos oferece uma visão aprofundada sobre algum setor da sociedade, um tipo de atividade ou região (LIMA, 2004).

O terceiro capítulo do livro mostra a relação de duas instituições que possuem alguma religião e, de qual forma isso pode beneficiar alguém que está saindo das ruas ou que se encontra em algum tipo de tratamento contra dependência química. A exposição dos fatos só possível por meio de entrevistas com cada responsável desses locais e, com a colaboração de algumas pessoas que compartilharam suas histórias. É evidente a preocupação em narrar de forma verossímil e com qualidade essas histórias, de acordo com Lima (2005).

O último capítulo conta com retratos de pessoas que saíram das ruas, e que por meio do cuidado da Associação Tio Cleobaldo, conseguiram estabelecer suas vidas novamente. Foi narrado a história de outros indivíduos que ainda estão no processo de recuperação. A importância da escolha do tema, como afirma Pena (2013, p. 14) é uma forma de exercitar a cidadania. “Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade. ”

Embora muitas pessoas não conheçam de forma mais aprofundada o trabalho voluntário, é necessária essa conscientização. As histórias são reais e, além do tema retratado, as vidas das pessoas, tanto os voluntários quanto a população em situação de rua – merecem ser vistos. Essa visão mais ampla e sensível da sociedade é objetivo do jornalismo, segundo Pena (2013),

> Qualquer abordagem, de qualquer assunto, nunca passará de um recorte, uma interpretação, por mais completa que seja. A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal (PENA, 2013, p.14).

Além da visão desse setor especifico da sociedade, a cidadania é exercitada. Trazer um olhar mais humanizado para pessoas em situação de rua, é exercitar a cidadania. Ainda para Felipe Pena (2013, p.14), a "abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade". O jornalista precisa com delicadeza trazer histórias que interessam a todos e, que esclareça também dúvidas quanto ao assunto explorado.

Diante dessa perspectiva, é possível perceber todas as características do jornalismo literário presentes no livro-reportagem. Essas características estão distribuídas ao longo do texto. A aproximação do leitor e narrados aos personagens, mostram essa realidade que é pouco retratada na mídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas que se encontram em situação de rua também são vistas de forma discriminatória e esse assunto não é tratado de forma mais ampla e humanizada como deveria. O objetivo desse trabalho foi entender a relação que existe entre a realidade de quem exerce o voluntariado e a sua representação na mídia e isso inclui a população de rua, que está presente na rotina diária de um voluntário que presta esse tipo de serviço por meio de uma instituição ou associação.

Por meio dos relatos e histórias, é possível perceber que poucas das notícias que são publicadas sobre o tema correspondem à rotina vivenciada pela maioria dos voluntários entrevistados. Um dos pontos que mais ficou claro é a razão, ou seja, o motivo para a vida nas ruas. Grande parte dessas pessoas que estão sendo cuidadas, tratadas ou ajudadas pelo Tio Cleobaldo possui histórias parecidas. Drogas e álcool são o que os sustentaram nas ruas. Vínculos e relacionamentos familiares rompidos foram também motivos que os levaram a essa situação. Para Argiles (2012) e Silva (2015), esse fenômeno vem aumentando devido à precarização do trabalho, o aumento do desemprego e as transformações sociais e econômicas que acontecem na sociedade.

A mídia, de acordo com Frazão (2010), só divulga notícias com enunciados ligados à seção policial, como suspeitos de algum crime. Quando ela não está ligada à criminalidade, está relacionada com vandalismo. Essa construção de imagem no jornalismo é ligada a questões negativas e isso contribui para uma sociedade desigual e desrespeitosa.

Outros autores, como Silva e Caricari (2007), ressaltam que a globalização tem excluído essa parcela da sociedade. Como visto anteriormente, o Terceiro Setor surge para lidar diretamente com essas questões. O jornalista tem a função de informar os dois lados sem preconceito e discriminação, mas também de mostrar os lados negativos a fim de denunciar falhas que compõem esse sistema. A escolha do livro-reportagem se encaixou com o tema, uma vez que ele permitiu de forma ampla, analítica, profunda e extensa, vivenciar essa rotina para que pudéssemos escrever o livro.

A cada visita que fazíamos na associação, era possível identificar de forma clara cada característica de cada voluntário. Suas formas de expressão. A forma que nos contavam cada relato. O jornalismo literário possibilita, por meio dessa técnica jornalística, o escritor colocar suas impressões, opiniões, pensamentos e críticas à história que está sendo construída. Conclui-se,

portanto, que a realidade do voluntariado não corresponde ao que a mídia expõe. A pessoa que se encontra ou se encontrava em situação de rua, é vista com amor, respeito e cuidado pela associação.

REFERÊNCIAS

ALSINA, M. R. **La construcción de la notícia**. Barcelona: Paidós, 1989.

ARAÚJO, C. M; OLIVEIRA, M. C. S. Significações sobre desenvolvimento humano e adolescência em um projeto socioeducativo. **Educação em Revista**, v.1, n. 26, pp.169-194, 2010.

ARAUJO, Débora Cristina de. **Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

ARAUJO, Emanoel (Org.). **A mão afrobrasileira**: significado da contribuição artística e histórica. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Museu Afro Brasil, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/er/n47/18.pdf / Acesso em 25 de nov. 2019

BATSON, C. D. Addressing the altruism question experimentally. In S. G. POST, L. G; UNDERWOOD, J. P. SCHLOSS; W. B. (Orgs.), *Altruism and altruistic love: Science, philosophy, and religion in dialogue.* New York: Oxford University Press, 2002.

BOSCO, João; JÚNIOR, Varilandes; BRAGA, Mateus. **Para que serve um jornal**. Correio Braziliense. Brasília 19 set. 1999. Capa. Disponível em: <http://stat.correioweb.com.br/correiobraziliense/arquivos/D11909.pdf> Acesso em: 23 de Nov. 2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança dos velhos. 3ª Ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRASIL. **Lei nº 9.608, de 18 de Fevereiro de 1998**. Brasília, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9608.htm> Acesso em 15 Nov. 2019.

_____. **Lei nº 10.406, de 10 de Janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. Brasília: 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406.htm> Acesso em 19 Nov. 2019.

BUSSEL, Helen; FORBES, Deborah. **Understanding the volunteer market: the what, where, who and why of volunteering.** [s.l], 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/nvsm.183> Acesso em 29 nov. 2019

CARDOSO, Ruth. Fortalecimento da Sociedade Civil. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org**.). 3º Setor: desenvolvimento social sustentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CHAMPAGNE, Patrick. "A visão mediática". In: BOURDIEU, Pierre (Org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CNAAN, R. A., HANDY, F., WADSWORTH, M. Defining who is a volunteer: Conceptual and empirical considerations. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, n. 25 v. 3, pp. 364-383, 1996.

_____. CASCIO, T. Performance and commitment: issues in management of volunteers in human service organizations. **Journal of Social Service Research**, vol. 24, n. 3/4, pp. 1-37, 1998.

COHEN, E. NATHAN. **O papel do voluntário na sociedade moderna.** Ed. Fundo de Cultura S.A Rio de Janeiro, 1964.

DOHME, Vânia D' Angelo. **Voluntariado** – equipes produtivas: como liderar ou fazer parte de uma delas. São Paulo: Mackenzie, 2001.

DOMENEGHETTI, Ana Maria. Definição, tipificação e implantação do setor de voluntários. In: PEREZ, Clotilde; JUNQUEIRA, Luciano Prates (Org.). **Voluntariado e a gestão das políticas sociais**. São Paulo: Futura, 2002.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Formação superior em Jornalismo – Uma exigência que interessa a sociedade**. Florianópolis: FENAJ, 2008. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/03/livro2.pdf> Acesso em: 20 Nov. 2019.

FERNANDES, Rubens C. **Privado Porém Público: O terceiro Setor na América Latina.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Relume, 1994.

GENTILLI, Victor. **Democracia de massas**: jornalismo e cidadania. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

GOHN, Maria da G. **Os sem-terra, ONGs e cidadania**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 572 p.

HUDSON, Mike. **Administrando Organizações do Terceiro Setor**. São Paulo. Makron Books, 1999.

KISNERMAN, Natálio. **Introdução ao trabalho social**. São Paulo. Editora Moraes, 1983.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo** – O que os jornalistas devem saber e o público deve exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.LAGE, N. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LANDIM, Leilah. **A invenção das ONGs**: do serviço invisível à profissão impossível. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro, 1993.

LEITE, M. L . M. O óbvio e o contraditório da Roda. In: DEL-PIORI, M. (Org.). **História da Criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991, p. 98 –111.

LEITE, Ligia Costa. **A magia dos invencíveis**. Petrópolis: Vozes, 1991.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

_____. **Páginas Ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Ed. Unicamp, 1995.

_____. **Páginas ampliadas:** O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2004.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1985.

MARQUES, V. L. **Voluntariado**: motivos e repercussões na vida pessoal, social e acadêmica dos alunos de graduação em medicina, voluntários em programas na área de saúde. 2006. 132f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ensino em Ciências da Saúde. Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 2006.

McCURLEY, S.; LYNCH, R. **Essencial volunteer management**. 2ª Ed. Londres: The Directory of Social Change, 1998

MORAES, Letícia Nunes de. **Leituras da revista Realidade**. São Paulo: Alameda, 2007.

MOSCOVICI, S. **O fenômeno da representação social**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984 Disponível em: <http://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/65/66> Acesso em: 10 Nov. 2019.

_____. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 1ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Representações sociais**: Investigações em psicologia social. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOTTA, Ana Elizabete. **Cultura da Crise e Seguridade Social.** São Paulo: Cortez, 1995.

MUNIZ, Sodré. **O monopólio da fala**. Função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2008.

PALUDO, Augustinho Vicente. **Administração Pública**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

PARK, Robert Ezra. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. In: STEINBERG, Charles S. (org.). **Comunicação de Massa**. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1970.

PELIANO, Ana Maria T. Medeiros (Org.). **Bondade ou interesse?** Como e por que as empresas atuam na área social. Brasília: IPEA, 2001.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. Editora Contexto, 2006.

_____. **Jornalismo Literário**. 1ª Ed. São Paulo: [s.e], 2006.

_____. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2013.

PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene. **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Universidade Santa Úrsula, 1995.

ROGOFF, Barbara. **A Natureza Cultural do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed. 2005

ROSSI, Clovis. **O que é jornalismo**. Coleção Primeiros Passos, Ed. Brasiliense, 1980. <https://www.passeidireto.com/arquivo/26911000/o-que-e-jornalismo-clovis-rossi-pdf> Acesso em 22 Nov. 2019.

SALOMON, Lester M.; ANHEIER, Helmut K. **Defining the nonprofit sector**: A crossnational analysis. Manchester: Manchester University Press, 1997.

SANTOS, B.A. O real enquanto narração: um diálogo entre o jornalismo literário e a antropologia interpretativa. In: **Anais do 28º. Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação**. Rio de Janeiro, 2005.. São Paulo: Intercom, 2005.

SCHUDSON, M. Porque é que as notícias são como são? **Comunicação e Linguagens**, n. 8, p. 17-27, 1988.

SILVA JR., José Afonso. A relação das interfaces enquanto mediadoras de conteúdo do jornalismo contemporâneo: agências de notícias como estudo de caso. In. Anais do **XI Encontro Anual da Compós**, Rio de Janeiro, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

_____. **Construindo uma teoria multifactorial da notícia como uma teoria do jornalismo**. 2004. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-multifactorial-jornalismo.pdf Acesso em: 15 set. 2019

STEERS, R. M; PORTER, L. W. (Orgs.). **Motivation and Work Behavior (5th ed.).** New York: McGraw-Hill, 1999. Disponível em: <https://www.scirp.org/(S(351jmbntvnsjt1aadkposzje))/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1860352> Acesso em: 18 Nov. 2019.

THOMPSON, John B. (1995).*The Media and Modernity: A Social Theory of the Media*. **Compte-rendu**, v. 1, n. 18, 1997. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/comin_1189-3788> Acesso em 20 set. 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2º Ed. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Volume 1, 3ª Ed. Florianópolis: Insular, 2012.

UNGER, Lynette S. Altruism as a motivation to volunteer. **Journal of Economic Psychology**, vol. 12, issue 1, pp. 71-100, 1991. Disponível em: <https://econpapers.repec.org/article/eeejoepsy/v_3a12_3ay_3a1991_3ai_3a1_3ap_3a71-100.htm> Acesso em 25 nov. 2019.

VEYNE, Paulo (Org.). **Do Império Romano ao ano mil – História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Editorial Presença. Lisboa, 1995.

_____. **Teorias da comunicação**. Porto Alegre: Editorial presença, 2001.

WUTHNOW, Robert. **Between states and markets**: the voluntary sector in comparative perspective. Nova Jersey: Princeton University Press, 1991.